

A Família Petropolitana do Final do Século XIX e Começo do XX (1880 a 1930) Através da Fotografia

The Family from Petropolis-RJ seen by the Photography in the Late 19th Century and the Beginning of the 20th (1880-1930)

Lucia de Souza Teixeira Costa^{a*}; Taise Ferreira da Conceição Nishikawa^a; Janaina Carla da Silva Vargas Testa^a

^aUniversidade Norte do Paraná

*Email: lstcosta@bol.com.br

Resumo

O presente artigo trata dos seguintes temas: a fotografia de família como fonte histórica e a imigração alemã no Rio de Janeiro, especificamente, em Petrópolis. Baseado na História Regional, busca mostrar a contribuição de imigrantes alemães e seus descendentes na construção da sociedade petropolitana. Para tanto, procurou-se investigar, através de pesquisa bibliográfica e análise de fotografias, a história das famílias desses imigrantes que vieram para o Brasil a partir do final do século XIX.

Palavras-chave: Fotografia de Família. Imigração. História Regional.

Abstract

This article discusses the following topics: the family photograph as a historical source and German immigration in Rio de Janeiro, specifically in Petropolis. Based on Regional History, aims to show the contribution of German immigrants and their descendants in building Petropolitan society. The study investigated through literature review and analysis of photographs, the history of the immigrants' families who came to Brazil from the late 19th century.

Keywords: *The Family Photograph. Immigration. Regional History.*

1 Introdução

Este artigo pretendeu apresentar aspectos da formação da sociedade petropolitana, de maneira mais específica, os costumes de famílias de imigrantes alemães que se estabeleceram em Petrópolis a partir do final do século XIX. Foram utilizadas, como principais fontes históricas, algumas fotografias que possibilitaram retratar costumes desses indivíduos no período de 1880 a 1930.

No referencial teórico, destaque será dado à História Regional, que ajuda a compreender que não se pode generalizar um fato histórico. A ideia de que cada local tem suas peculiaridades abre a possibilidade de comparações entre regiões. Por isso, será possível averiguar se o processo de colonização foi diferente do ocorrido nas demais regiões, como no Sul do Brasil.

Para o desenvolvimento desse artigo, são apresentados, por pesquisa bibliográfica, aspectos da imigração alemã no Rio de Janeiro, em especial, em Petrópolis, focalizando a contribuição dos imigrantes alemães e de seus descendentes para a formação dessa cidade. Destaca-se, também, a chegada da fotografia ao Brasil, especificamente da fotografia de família, e sua utilização como fonte histórica.

O objetivo principal do trabalho foi mostrar a história das famílias de imigrantes alemães que se estabeleceram em Petrópolis (RJ) a partir do século XIX, através de pesquisa bibliográfica e da análise de algumas fotografias produzidas

entre os anos de 1880 e 1930. Junto a isso, buscou-se evidenciar a importância do uso da fotografia como fonte histórica e contribuir para o estudo da História Regional, ampliando os conhecimentos sobre a História da cidade de Petrópolis.

2 Desenvolvimento

2.1 Os alemães no Brasil

É possível conhecer a história de determinado local analisando os costumes de seus habitantes. Neste artigo, aspectos da história de Petrópolis (RJ), conhecida como “Cidade Imperial”, serão evidenciados a partir do estudo do modo de vida de imigrantes alemães, que muito contribuíram para a formação da sociedade petropolitana.

Faz-se necessário, para a contextualização histórica do tema, o conhecimento dos fatos que envolveram a imigração de alemães para o Brasil no século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Após a abertura dos portos às nações amigas, por D. João VI, em 1808, chegaram ao Brasil muitos estrangeiros, entre eles, os alemães. Muitos, porém, não vieram com a intenção de colonizar, mas de manter linhas de comércio entre os dois países. Anos mais tarde, em 1817, o casamento de D. Pedro I com a arquiduquesa Leopoldina Carolina Josefa, a futura princesa Leopoldina, criaria outra oportunidade para a vinda de

colonos alemães ao Brasil. Com o esforço tanto da Imperatriz quanto de D. João VI, muitos colonos alemães chegaram ao Brasil, e as primeiras colônias se estabeleceram, como a de Leopoldina (sul da Bahia), em 1818, e a de Friburgo (RJ) em 1819. Conforme alguns estudos historiográficos, entre eles o de Seyferth (2000), essas colônias não prosperaram.

Novo fato aliou-se à vinda dos imigrantes para o Brasil: a abolição da escravatura. Com a libertação dos negros, uma pergunta era feita: “Quem assumiria o lugar do escravo nas fazendas?” O Império brasileiro já apontava a solução não só para esse problema, mas para outros.

Alencastro e Renaux (1997, p.293) comentam essa situação:

Preocupados, ao contrário, com o mapa social e cultural do país, a burocracia imperial e a intelectualidade tentavam fazer da imigração um instrumento de ‘civilização’, a qual, na época, referia-se ao embranquecimento do país.

A Lei de Terras, de 1850, também ajudou a desenhar o quadro da imigração no Brasil. Essa lei autorizava, incentivava e estabelecia, em nosso país, a vinda de estrangeiros:

Art. 18: O Governo fica autorizado a mandar vir anualmente à custa do Thesouro certo numero de colonos livres para serem empregados, pelo tempo que fosse marcado, em estabelecimentos agrícolas, ou nos trabalhos dirigidos pela Administração pública, ou na formação de colônias nos logares em que estas mais convierem; tomando antecipadamente as medidas necessárias para que taes colonos achem emprego logo que desembarcarem.¹

Dessa forma, a vinda de imigrantes alemães para a colonização ocorreria através da “imigração dirigida”, estimulada e legitimada pelo Brasil. Outra forma seria por meio da “imigração espontânea”, incentivada através da exaltação da beleza do país e da oportunação de ascensão financeira pelas propagandas feitas na Europa.

Essas seriam, então, as principais razões da vinda de vários imigrantes para o Brasil, entre eles, os alemães. Muitos foram para São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e para o sul do país. Deve-se destacar, no entanto, que a imigração para o sul deu-se também como forma de consolidação das fronteiras do Brasil. Determinou-se, como marco da imigração alemã no Brasil, a data de fundação da colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 25 de julho de 1824.

Segundo Seyferth (2000, p.12), “[...] os primeiros indivíduos classificáveis como ‘imigrantes alemães’ não eram colonos e se estabeleceram como comerciantes na cidade do Rio de Janeiro após 1808”. Essa é uma das diferenças, comparando-se o Rio de Janeiro com o Sul do Brasil, quanto à vinda e à atuação dos primeiros imigrantes; já que, nessa última região, a Lei de Terras de 1850 vigorava com a finalidade de povoamento, preenchimento de vazios demográfico e regional.

Em 1821, fundou-se, na cidade do Rio de Janeiro, a primeira Associação Alemã, a *Gesellschaft Germania*, que muito ajudou os imigrantes alemães a não perderem sua identidade étnica. Essa Associação era formada principalmente por comerciantes. Para Seyferth (2000, p.13), “a *Germania* foi a espinha dorsal da colônia alemã do Rio de Janeiro”. A maioria dos alemães que chegaram ao Rio de Janeiro, nesse período, veio através da imigração espontânea, sem a ajuda do Império brasileiro.

A organização da colônia urbana alemã era tamanha que possuía sociedade beneficente, religiosas, esportiva, escolas e Anuário (*Almanak Lämmert*) - publicações anuais. Era formada por outros tipos de trabalhadores além dos negociantes de importação e exportação (principalmente) de café: oficiais militares, diplomatas, corretores da bolsa, livreiros, topógrafos, entre outros. A categoria dos oficiais de batalhões estrangeiros a serviço do Império viria a ser essencial para a história da imigração alemã em Petrópolis.

Pode-se afirmar que a história da imigração alemã em Petrópolis mistura-se, de forma mais ampla, com a própria constituição da cidade. “Petrópolis é filha legítima da colonização” (PEREIRA, *apud* VASCONCELLOS, 1995, p.79). Essas palavras foram escritas, no jornal “O Parahyba”, pelo redator Remígio de Senna Pereira, entre os anos de 1857 e 1859. Tomando-se como base a célebre frase, pode-se dizer que a contribuição dos imigrantes alemães para a sociedade petropolitana foi decisiva. As terras foram povoadas pelos colonos alemães de forma peculiar, pois eram de propriedade do Imperador D. Pedro II, um lugar escolhido para a residência de verão de Sua Majestade.

A história da vinda dos primeiros colonos alemães para Petrópolis iniciou-se com a intenção de dois ilustres personagens: o Imperador D. Pedro II e o Major Julio Frederico Koeler. A iniciativa desse último tornou-se importante à medida que, saindo de sua terra, a Alemanha, Koeler seria então recrutado para o exército brasileiro. Segundo Seyferth (2000), essa prática era muito comum nesse período. Georg Anton Schaffer, secretário de Leopoldina, recrutou mercenários, denominados de imigrantes de 1ª categoria. As famílias eram denominadas de imigrantes de 2ª categoria.

Por sua formação em engenharia civil (em 1841, foi nomeado chefe da 2ª Seção de Obras Públicas do Rio de Janeiro, ajudando, assim, a construir a estrada entre o Porto da Estrela e Paraíba do Sul), Koeler foi convidado por D. Pedro II para executar a construção do Palácio Imperial, urbanização de Petrópolis e a elaboração do projeto da colônia de Petrópolis.

Nesse período, tornou-se responsável pela imigração alemã para Petrópolis. Assim, a vinda dos imigrantes que se tornariam colonos era questão de tempo.

¹ Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850 (BRASIL, 2010).

O primeiro grupo de imigrantes alemães que veio para Petrópolis desembarcou no Rio de Janeiro, pode-se dizer, por acaso. Chegou, à capital, no dia treze de novembro de 1837, no veleiro *Justine*, cujo verdadeiro destino seria Sidney, na Austrália. No entanto, devido aos maus tratos sofridos pelos passageiros, desembarcaram 235 imigrantes alemães. Esses colonos foram trazidos por Koeler e logo começaram a trabalhar na abertura da Estrada Normal da Estrela.

Segundo Auler (2010), do Instituto Histórico de Petrópolis, o elemento germânico de Petrópolis está dividido em dois grupos: os 235 que vieram em 1837, no navio '*Justine*'; e os que chegaram no ano de 1845, por 13 navios, num total de 2.111 pessoas. Entretanto, em relação a essas informações (dos que chegaram), não há consenso entre os historiadores.

As primeiras famílias de imigrantes alemães (1837), quando chegaram (muitos morreram pelo caminho), fixaram residência no bairro Itamarati, todos trazidos por Koeler.

A segunda leva de imigrantes (29 de junho de 1845) chegou para dar início às obras de construção da Imperial Fazenda de Petrópolis. Determinou-se essa data como marco da colonização alemã em Petrópolis. Cada casal recebeu um pedaço de terra aforado, em enfiteuse perpétuo, que deveria ser pago depois de passados oito anos. A maioria dos colonos era de religião católica.

Não se pode deixar de mencionar as privações e as "vicissitudes" pelas quais passaram esses imigrantes. Alguns moradores da cidade, principalmente a aristocracia, não soube lidar com a novidade; muitos até discriminavam os colonos alemães, por isso, a tristeza era visível.

Segundo Vasconcelos (1995, p.80),

[...] nos rostos dos colonos eram patentes o enrudecimento e a dor, agravados pelo pessimismo em relação ao futuro no novo habitat, face à recepção pouco cortez que lhes fizeram ao desembarcar.

As dificuldades enfrentadas pelos colonos alemães diziam respeito, então, à alimentação, ao clima, ao idioma, às doenças, aos costumes e, ainda, à segregação e à intolerância. Apesar disso, conseguiram se estabelecer e se organizar. Em 1854, fundaram a primeira associação comercial de colonos em Petrópolis, a *Gewerbverein*, voltada para as artes e os ofícios.

Mais tarde, organizaram também sociedades recreativas, beneficentes, musicais e dançantes. Hábitos e costumes eram incorporados ao cotidiano da cidade. Essa era uma forma de manter vivo o idioma, as tradições, a identidade alemã.

Entre 1858 e 1917, foram criados três jornais em alemão. A germanidade ou germanismo (modos ou costumes alemães) era divulgado em Petrópolis. A identidade teuto-brasileira, defendida pelos descendentes desses imigrantes, também era bastante divulgada pelas sociedades e pelos jornais fundados

por esses colonos. Segundo Seyferth (2000, p.12), "a categoria de identificação - teuto-brasileiro - afirma uma condição de pertencimento à nação alemã e a cidadania brasileira como coisas compatíveis".

A partir do começo do século XX, esses colonos e seus descendentes (principalmente estes últimos) começaram a perceber que a situação social, econômica e cultural poderia sofrer grandes mudanças.

Com a entrada da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, o crescente nacionalismo brasileiro da época e a ideia do chamado "perigo alemão" (pensava-se que as colônias alemãs se uniriam para formar uma nação dentro de outros países) provocaram situações de desconforto para esses descendentes.

Seyferth (2000, p. 34) afirma que:

O afundamento do navio *Macao* desencadeou novas manifestações violentas contra a população de origem germânica. [...] desta vez, ocorreram também em Petrópolis, Rio de Janeiro. A 1º de novembro uma multidão danificou diversas casas, sedes de associações, restaurantes e fábricas em Petrópolis.

Aos poucos, Petrópolis foi ajudando a construir a história do nosso país, e a participação dos alemães foi, sem dúvida, uma contribuição importante. É grande o legado deixado por esses colonos em Petrópolis, como a festa em comemoração à chegada deles (*Bauernfest*), monumentos, grupos de dança, nomes de ruas e de bairros, alimentos, igrejas e muitos descendentes dessas famílias, que ainda permanecem na cidade e contribuem para o desenvolvimento de Petrópolis.

2.2 A fotografia como fonte histórica

Segundo Canabarro (2005), a partir dos anos trinta do século XX, a fotografia passou a ter o *status* de documento histórico. Assim ela será vista neste trabalho: como um documento capaz de contribuir para o entendimento da história de uma região, de seu povo e de seus costumes.

Oficialmente, a fotografia surgiu no século XIX, quando o pintor francês Louis Jacques Mande Daguerre e seu sócio nas pesquisas sobre heliografia (gravação através da luz), o cientista Joseph Nicéphore Niépce, tornaram possível deixar imagens registradas em chapas metálicas.

Segundo Molina (2007), durante o século XIX, muitos profissionais voltaram-se para o uso da fotografia, desenvolvendo técnicas de aprimoramento. Dentre eles, destacam-se Talbot (processo fotográfico positivo/negativo), von Martens (desenvolvimento de uma câmera panorâmica para daguerreotipia² com ângulo de visão de 150 graus aproximadamente), Evrard (uso do papel de albúmen) e Disdéri (*carte de visite* - fotografia 9,5x6 montada sobre cartão rígido de cerca de 10x6,5cm). Este último conseguiu popularizar a fotografia no século XIX, bem como baratear

2 Processo fotográfico imaginado por Daguerre e que consistia em fixar numa película de prata pura, aplicada ao cobre, a imagem obtida na câmara escura. (DICIONÁRIO ON LINE DE PORTUGUÊS).

o custo desse novo objeto de consumo e desejo da sociedade desse século.

A Figura abaixo é exemplo de um trabalho de Disdéri.

Figura 1: “Carte de Visite” “ do Barão de Joatinga: Figuração masculina em pé, apoiando-se em objeto para composição da imagem. Disdéri, Paris, século XIX.



Fonte: Álbum de família: Visconde de São Laurindo. Coleção Particular. Família Almeida Vallim¹.

No Brasil, muitos fotógrafos tentaram captar, com suas máquinas, o cotidiano no Novo Mundo. Destacamos, entre os europeus, Marc Ferrez (fotógrafo paisagista) e Revert Henrique Klumb (professor de fotografia da princesa Isabel em Petrópolis); e, entre os brasileiros, Militão Augusto de Azevedo (um dos maiores fotógrafos de paisagens urbanas no Brasil do século XIX). Segundo Leite (2001),

Atuando a partir de 1862, quando da popularização das *cartes de visite*, ele [Militão Augusto Azevedo] é responsável por uma rica produção através da qual avaliamos, em detalhes, a riqueza do panorama social da cidade de São Paulo no século XIX. [...]. Enquanto outros fotógrafos dedicam-se prioritariamente aos retratos, o grande mercado da época, notamos que ele exerce uma liberdade criativa ao elegeer a paisagem urbana como objeto de seus registros.

É importante, ainda, mencionar que, no Brasil, anos antes do advento da daguerreotipia, um imigrante francês, Hercules Florence, já havia descoberto o processo da fotografia. Esse fato ocorreu em 1833, no interior de São Paulo. Segundo o site da Fujifilme do Brasil (2007),

[...] em 1830, [Florence] inventa seu próprio meio de impressão, a Polygrafie, já que não dispunha de um prelo. Gosta da idéia de procurar novos meios de reprodução e descobre isoladamente um processo de gravação através da luz, que batizou de Photografie, em 1832, três anos antes de Daguerre. A ironia histórica, oculta por 140 anos, é que o processo era mais eficiente do que o de Daguerre. Já em 1833,

utilizou uma chapa de vidro em uma câmara escura, cuja imagem era passada por contato para um papel sensibilizado.

A par desse cenário de disputas quanto à verdadeira paternidade da fotografia, esta seria apresentada ao Brasil pelas mãos do abade francês Louis Compte, no Rio de Janeiro, em 1840. Pouco tempo depois, Compte apresentaria ao então imperador, D. Pedro II (na época com 14 anos), a admirável invenção. Mais tarde, devido ao seu grande interesse pela nova técnica, D. Pedro II possibilitaria a vinda de fotógrafos de várias partes do mundo para o Brasil e patrocinaria muitas exposições.

A fotografia tornou-se, então, importante fonte documental desse período, em que várias cenas do cotidiano passaram a ser retratadas, dentre elas, as de família.

A partir da Nova História, quando outras fontes historiográficas começaram a ser valorizadas como forma de se compreender toda produção humana, a fotografia passou então a ganhar importância nos estudos. Isso aconteceu nos anos trinta do século XX. Porém, percebe-se, através dos trabalhos de alguns historiadores, entre eles Ivo Canabarro, Boris Kossoy, Miriam Leite e Ana Maria Mauad, que ainda falta muito a ser revelado através desse documento.

Segundo Canabarro (2005, p. 24):

Os inúmeros acervos de imagens espalhados por todo o Brasil são capazes de revelar situações inéditas da cultura brasileira. Pode-se afirmar que parte significativa da história do Brasil ainda permanece revelada apenas na bidimensionalidade das fotografias. Alguns historiadores afirmam que, em termos de utilização da fotografia, há praticamente tudo para fazer, visto haver muitas imagens, porém poucos trabalhos.

Percebe-se, então, a riqueza histórica que há nesse tipo de documento, o quanto se pode conhecer do passado através dessas imagens. A fotografia é “como um instantâneo extraído do movimento permanente, uma mostra representativa de uma realidade distante” (CANABARRO, 2005, p.27-28).

Nessa mesma linha de pensamento, o da importância da fotografia nos estudos históricos, destaca-se também o historiador Kossoy (2001, p.47), afirmando que “esse documento reúne um inventário de informações”. Segundo o autor, deve-se valorizar a fotografia como importante documento revelador do passado, que se atualiza através das imagens retratadas.

Leite (2000) destaca não só a contribuição da imagem como documentação histórica, mas também suas limitações. Na análise fotográfica, optou por imagens de famílias de diferentes lugares que vieram para São Paulo, entre os períodos de 1890 a 1930, destacando categorias de situações, ou melhor, “momentos retratáveis” (LEITE, 2000, p.73), como diz a historiadora, ou seja, casamentos, casais, famílias, entre outros. Esses “momentos retratáveis” foram esquematizados a

¹ Disponível em: <http://www.historia.uff.br/labhoi/node/358>.

partir da organização do arquivo fotográfico analisado.

Ela pontua que, após a seleção e organização do material, deve-se fazer um aprofundamento da leitura dessas fotografias, ou seja, “ler o conteúdo latente e o conteúdo manifesto” (LEITE, 2000, p.75), não com o simples olhar do leigo, mas com o olhar investigativo do pesquisador. Poses ou posições estáticas são objetos de análise também, devendo-se levar em conta que nem sempre refletem a realidade.

Em estudos a partir de fotografias familiares, um problema sempre deverá ser previsto: a dificuldade de exposição, de divulgação delas. Alguns sentimentos de seus proprietários, tais como o pudor, a sensação de banalização das imagens e de invasão de privacidade são comuns. Por conta disso, algumas famílias apresentam resistência em mostrá-las.

Leite (2000, p.84), no entanto, faz observações do tipo “a insuficiência da imagem fotográfica como documentação histórica”, visão ultrapassada para os dias atuais, pois se sabe que a fotografia é rica fonte de informações, que obviamente precisa de encaminhamento metodológico particular e análise diferenciada.

Referente à fotografia Leite (2000, p.78) no final do capítulo sobre fotografia familiar, deixa registradas palavras que podem se revelar uma abertura para a interpretação dessa fonte: “Existe muito que aprofundar no sentido do que a imagem tem como legitimação e memória para a família, como instituição e para cada um de seus membros”.

Já Mauad (2008, p.6) destaca a importância da fotografia como fonte histórica para o conhecimento de determinadas épocas, e a necessidade de um encaminhamento metodológico diferenciado do historiador na compreensão desse documento. A análise de fotografias “deve ultrapassar antigas barreiras e limites tradicionais”.

Caberia ao historiador ultrapassar seus limites, utilizando-se de outras áreas do saber, tais como antropologia e semiótica, e até mesmo atuar como detetive na busca da interpretação das fotografias.

Mauad (2008, p.2-3) faz um breve relato sobre o surgimento da fotografia no século XIX, destacando a figura de Niépce e Daguerre como os responsáveis por fazer dela um documento de legitimação de uma época. De acordo com a autora no século XIX, pensava-se a fotografia “como a reprodução do real, como prova do infalsificável”. Ao longo do tempo, essa concepção se modificou. A autora declara ainda, que a fotografia é “uma elaboração do vivido, leitura do real”. Mauad (2008) evidenciaria uma cena que poderia ser transformada a fim de fazer sentido para quem é fotografado. A manipulação de fotografias, aos poucos, foi fazendo com que elas se situassem dentro de uma estética, onde códigos eram estabelecidos para compor uma imagem.

Para Mauad (2008) a fotografia não fala por si só. É e sempre será memória presente, mas cabe ao pesquisador construir a história desse objeto de estudo. Para tanto, precisa ter um olhar diferenciado daquele das pessoas comuns, ter o domínio de técnicas de análises mais adequadas para essa fonte.

A autora complementa que se pode considerar a fotografia tanto imagem/documento quanto imagem/monumento. Esses termos, relacionados pelo historiador francês Le Goff, denotam que a fotografia é, ao mesmo tempo, objeto de estudo e objeto que pode explicitar um determinado fato. Tanto num caso quanto no outro, é representação contextualizada de uma determinada época.

A fotografia poderia ser analisada sobre diferentes aspectos, dentre eles, o do envolvimento de seus componentes, que, segundo Mauad (2008), seriam: o autor (fotógrafo), o texto propriamente dito e o leitor. Cada um desempenharia sua função, porém o componente que daria significado seria o leitor. Expressão e conteúdo seriam outros aspectos dessa análise, onde técnica e estética seriam privilegiadas, inseparáveis elementos para interpretação desse documento.

A partir da leitura dos trabalhos dos autores citados, entende-se que cada fotografia requer uma forma particular de abordagem, de análise, e que cabe ao historiador debruçar-se sobre o objeto e questioná-lo, estudá-lo, extraindo as informações do tempo retratado. Essa não é uma atividade fácil, tanto pela subjetividade, pelas questões históricas, sociais e culturais que envolvem a fotografia, quanto pelo olhar crítico e intenções do próprio historiador.

Além disso, análise de fotografias envolve alguns questionamentos, como por exemplo, a fotografia, por si só, seria realmente documento revelador de história? Deveria ou não haver a utilização do documento escrito para se interpretar uma imagem? Essas e outras reflexões, de certa forma, contribuem para o enriquecimento das pesquisas iconográficas no campo historiográfico.

Neste artigo, considera-se que, através de fotografias, é possível entender acontecimentos do passado, com o auxílio ou não de fontes escritas que as expliquem. Evidentemente que, por ser um fragmento do passado, não há como definir essa realidade de forma completa. Além disso, o olhar do observador é subjetivo e as interpretações podem ser múltiplas.

Segundo Kossoy (2009, p. 121)

No esforço de interpretações de imagens fixas, acompanhadas ou não de textos, a leitura das mesmas se abre em leque para diferentes interpretações a partir do que o receptor projeta de si, em função do seu repertório cultural, de sua situação socioeconômica, de seus preconceitos, de sua ideologia, razão porque as imagens sempre permitirão uma leitura plural.

A intenção, neste trabalho, não foi a de apresentar as imagens analisadas como meras ilustrações, mas mostrar que constroem um conjunto de significados que ajuda a conhecer melhor a sociedade petropolitana do final do século XIX e início do século XX.

Desta forma, o presente artigo apresenta a análise de cinco fotografias de famílias de colonos alemães e de seus descendentes, tiradas no período entre o final do século XIX e o começo do século XX (1880 até 1930). A escolha desse período deve-se à possibilidade de, com fotos dessa época, observar a “essência” do cotidiano e dos costumes da colônia

alemã. Outro motivo é o fato de a fotografia só ter chegado por essa época a Petrópolis.

Para evitar a superficialidade na análise, são destacados dois aspectos: o iconográfico (análise extrínseca) e o iconológico (análise intrínseca). Para Kossoy (2009, p.99), “a análise iconográfica, situa-se ao nível da descrição, e não da interpretação”. Panofsky (*apud* KOSSOY, 2009) entende que a análise iconológica seria o “método de interpretação que advém da síntese mais que da análise e que seria o plano superior, do significado intrínseco”. A iconológica envolveria a análise semiótica da imagem, os significados que ela pode ter para quem a analisa.

Através de contatos com descendentes desses imigrantes, obteve-se uma fotografia (nº1); as outras foram conseguidas no acervo do arquivo do Museu Imperial de Petrópolis. Neste artigo, serão analisadas imagens que retratem situações do cotidiano dos personagens (colonos alemães e suas famílias).

3 Resultados e Discussão

A foto a seguir (Figura 2) em preto e branco 16x21cm, colada em cartão de fundo verde, foi tirada em estúdio por ocasião da comemoração dos 25 anos de casamento de João Hoeltz e Cristina Sindorf Hoeltz, que estão ao centro, ambos os filhos de colonos alemães que se instalaram em Petrópolis. Não há dedicatória ou inscrição no verso.

Figura 2: Fotografia da família Hoeltz de autoria do Estúdio Nietzsche – Petrópolis- RJ. Data provável: 17/12/1924



Fonte: Fotografia do acervo da família Hoeltz

Percebe-se, nessa fotografia (Figura 2), uma conotação de união familiar. O pai, João Hoeltz, parece querer deixar registrado que o tempo passou, porém a unidade da família ficou preservada. Essa situação fica clara, pois se veem os filhos ao redor dos pais. Além disso, o senhor João Hoeltz aparenta, pelos trajes e postura, estabilidade social, situação bem diferente da de seus pais, a primeira geração dos colonos que vieram para Petrópolis.

Na fotografia da Figura 3, as vestimentas mais claras das moças parecem ser um costume da época, uma vez que só a senhora usa roupa escura. A diferença entre as gerações aparece marcada também no uso do bigode apenas pelo homem mais velho. Outro fato observado é o de que as filhas estão mais próximas do pai, denotando proteção, recato; enquanto o filho está perto da mãe, representando, talvez, cuidado.

Figura 3: Fotografia da Família do colono Pedro Schimitz, comemoração de 50 anos de casamento: Data provável: 24/08/1895



Fonte: Coleção Museu Imperial/IBRAM/MinC

A fotografia, em preto e branco, com 16x21cm, foi tirada ao ar livre em comemoração aos 50 anos de casamento do colono alemão Pedro Schimitz. Está, nessa fotografia, toda a família de Pedro Schmitz. Segundo o jornal *A Tribuna de Petrópolis*, de 28/07/2009, página 7, atribui-se a fotografia a Jean Baptist Binot.

A fotografia da Figura 3 apresenta ainda, alguns elementos peculiares, como uma criança com uma boneca ao lado de uma mulher segurando seu bebê, que está dormindo. A senhora de roupa escura, do lado esquerdo da menina, parece estar grávida. Pode-se supor, então, ter havido preocupação maior com a mulher grávida, com a que estava com a criança ao colo e com a idosa, talvez pela demora em se tirar a fotografia. A roupa dos homens e das senhoras, na maioria, de cor escura e de festa, sugere uma família abastada. O uso do bigode pelos homens adultos demonstra um costume da época; a barba longa do Sr. Pedro Schmitz representa respeito e idade avançada. Todos muito sérios, parecem querer mostrar distinção. Os filhos homens permanecem atrás do pai, atitude simbólica de perpetuação de poder.

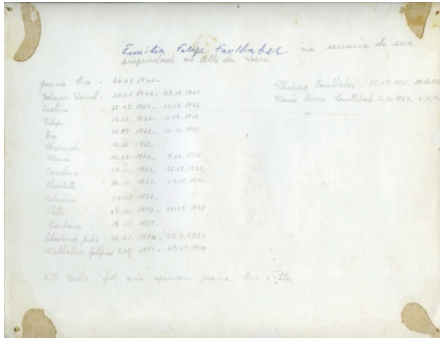
A autoria da foto da Figura 4 é desconhecida. Sua datação pode ser enquadrada, entre o final do século XIX e começo do XX, com base nas datas que estão no verso, referentes ao nascimento e à morte de alguns de seus componentes. A inscrição foi feita a lápis.

Figura 4: Fotografia da Família do colono Felipe Faulhaber na serraria de uma propriedade no Alto da Serra (frente)



Fonte: Coleção Museu Imperial/IBRAM/MinC

Figura 4: Família do colono Felipe Faulhaber na serraria de uma propriedade no Alto da Serra (verso)



Fonte: Coleção Museu Imperial/IBRAM/MinC

A fotografia foi tirada em frente a uma serraria de propriedade do senhor Felipe Faulhaber. Dentre os muitos alemães que vieram para Petrópolis, alguns eram serralheiros. Pelas roupas, dá-se a impressão de que eram pessoas simples. As crianças vestem-se de cores mais claras e, diferente do que ocorre na foto anterior, estão mais alegres. O uso do bigode e da barba mostra que este deve ser costume desta época, tanto de ricos como de pobres.

A autoria da fotografia 4 (Figura 5) é desconhecida. Datada em 12/09/1915, segundo a inscrição na parte inferior do lado esquerdo da fotografia, é classificada como externa. Em preto e branco, mostra a viúva e os netos de um renomado fotógrafo de Petrópolis, Pedro Hees (1841-1880), dono de um importante estúdio fotográfico no centro da cidade. Otto Hees (filho de Peter), que sucedeu o pai à frente do estúdio, foi fotógrafo da família imperial.

Figura 5: Fotografia da família Hees Viúva do fotógrafo Pedro Hees, Maria Glasow Hees, com seus 27 netos - Data provável: 12/09/15



Fonte: Coleção Museu Imperial/IBRAM/MinC

Percebe-se que o modo de vestir da maioria das pessoas que compõem essa imagem acompanha a moda da época, em que crianças usam vestimentas mais claras e os mais velhos, escuras. Esse costume destaca-se em todas as imagens

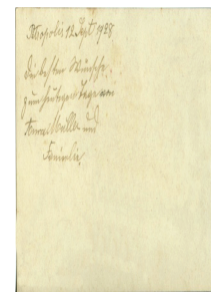
apresentadas. Alguns meninos usam roupa estilo marinheiro, com calças curtas, roupa de verão comum no início do séc. XX.

A fotografia da Figura 6 (frente e verso) também é de autoria desconhecida. Embora não apresente a figura masculina, pode-se entender essa fotografia como de família. Alguns indícios possibilitam compreendê-la dessa forma, principalmente pelo que há escrito em seu verso (está em alemão, porém a palavra “família” está bem nítida). Essa imagem difere das outras pelo ambiente, em que se destaca uma família humilde. Observam-se duas mulheres, uma bem mais velha que a outra, e crianças sentadas à porta da casa. Essa fotografia parece ter sido tirada com a intenção de mostrar também o quintal com as criações (patos e galinhas) e vegetação (parreira de chuchu, jardim). A casa de madeira era bem comum nessa época, principalmente entre os colonos e seus descendentes. As roupas escuras nos adultos e claras nas crianças continuam a caracterizar esse período.

Figura 6: Fotografia de família não identificada n° I-5-2-1-6-104 (frente)



(Frente)



(verso)

Fonte: Coleção Museu Imperial/IBRAM/MinC

A pesquisa deparou-se com duas dificuldades principais: a) não foi possível obter muitas fotografias, apesar de terem sido feitos contatos com famílias de alemães de Petrópolis e realizadas visitas à Biblioteca e ao Arquivo Histórico do Museu Imperial, à Biblioteca Municipal, à Igreja Luterana, à Casa do Colono Alemão. A maioria das fotografias encontradas nos acervos de família, que não são disponibilizados, pois muitos não querem expor sua vida ou a história de seus antepassados; b) as fotografias não tinham algo escrito que pudesse ajudar na análise (havia apenas uma com inscrição em alemão).

Apesar dessas dificuldades, pôde-se chegar às seguintes conclusões quanto aos sujeitos analisados: a) conseguiram adaptar-se bem à nova realidade, reproduzindo os costumes da época e do lugar; b) estavam inseridos nas diferentes classes sociais, o que possibilitou uma maior participação na formação da sociedade petropolitana.

Ao tentar conhecer, através da fotografia, o modo de vida e os costumes das famílias de origem alemã que viviam

em Petrópolis entre 1890 e 1930, este trabalho evidencia a importância do uso da fotografia como fonte histórica e a relevância da História Regional para a obtenção de conhecimentos mais detalhados sobre a história de uma região.

4 Conclusão

Os documentos escritos, ainda hoje, ocupam lugar de destaque no meio científico, em detrimento de outros tipos de fontes. Portanto, a importância deste trabalho reside, principalmente, no fato de mostrar que a história de uma determinada região pode ser conhecida não só por fontes escritas.

A análise de imagens para estudo da história não é tarefa muito comum nos meios acadêmicos, por se tratar de prática ainda com pouca credibilidade e pela dificuldade de obtenção do material.

Ao analisar aspectos da história de Petrópolis a partir de fotografias de famílias de imigrantes alemães, entendeu-se que a história local não é fácil de ser reconstruída, pois envolve memórias que muitos não querem revelar. Além disso, percebeu-se que a análise dessas fontes não é tarefa simples, pois é difícil fugir da subjetividade do olhar do historiador. Apesar dessa dificuldade, a fotografia deve ser tratada como uma importante fonte documental, havendo, apenas, a necessidade de um encaminhamento metodológico diferenciado do historiador na compreensão desse documento.

Referências

ALENCASTRO, L.F.; RENAUX, M.L. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: _____. (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

AULER, G. Os colonos de Petrópolis. 2010. Disponível em: <http://buratto.org/gens/gn_colonos.htm>. Acesso em: 08 set. 2010.

BRASIL. Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Disponível em: <[\[planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L0601-1850.htm\]\(http://planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L0601-1850.htm\)>. Acesso em: 14 set. 2010.](http://www.</p></div><div data-bbox=)

CANABARRO, I. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v.31, n.2, p.23-39, dez. 2005.

DICIONÁRIO ON LINE DE PORTUGUÊS. Daguerreotipia. Disponível em: www.dicio.com.br/daguerreotipia/>. Acesso em: 14 out. 2010.

ENCICLOPÉDIA ITAU CULTURAL. Cartão de visita. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbetes=84>. Acesso em 04 out. 2010.

FUJIFILME DO BRASIL, História da fotografia. 2007. Disponível em: <http://www.fujifilm.com.br/comunidade/historia_da_fotografia/index.html> Acesso em: 05 out. 2010.

KOSSOY, B. Fotografia e história. 3.ed. São Paulo: Ateliê, 2009.

LEITE, M.E. *Militão Augusto de Azevedo: um olhar particular sobre a sociedade paulistana (1862-1887)*. 2001. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/cinco/1.htm>>. Acesso em: 11 out. 2010.

_____. *Retratos de família: família: século XIX*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

MAUAD, A.M. *Fotografia e história*. Rede da memória virtual brasileira. Fundação Biblioteca Nacional. 2008. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/redememoria/fotografia.html>>. Acesso em: 02 maio 2010.

MOLINA, A.H. O uso da imagem no ensino: leituras de pinturas e fotografias. Londrina: UNOPAR, 2007. (57 diapositivos).

MUSEU IMPERIAL. Coleção Julio Frederico Koeler. Petrópolis, 2010. Disponível em: <www.museuimperial.gov.br/portal/arquivo-historico/27-colecao-julio-frederico-koeler.html> Acesso em: 01 set. 2010.

SEYFERT, G. A imigração alemã no Rio de Janeiro. In: GOMES, A.C. (Org.). *História de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p.11- 43.

VASCONCELOS, F. Vicissitudes da imperial colônia de Petrópolis. In: 150 ANOS DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ EM PETRÓPOLIS, Petrópolis. *Anais...* Petrópolis: IHP/UCP, 1995, p.79-86.